

*O trabalho com oralidade na alfabetização:
formação de professores e preparação
para vivências em sala de aula*

Activities with orality in literacy:
teachers training and preparation for living at classroom

Paulo Vinícius Ávila-Nóbrega

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148537879>

Resumo: A oralidade precisa ser pensada como um caminho para preparar sujeitos protagonistas das suas vivências reais com a linguagem. Nosso intuito é apresentar 02 práticas com oralidade realizadas em 02 turmas, em um curso de formação continuada de professores do Ciclo da Alfabetização, na cidade de Patos/Paraíba, no ano de 2018. Nos pautamos em pesquisas de Crescitelli e Reis (2011), Vieira e Leitão (2014), Faraco (2012), BNCC (BRASIL, 2018). Coletamos os dados em vivências didáticas das formações. Os resultados apontam para a necessidade de eleger a língua oral como conteúdo escolar de atividades sistemáticas de fala.

Palavras-chave: Oralidade. Formação de professores. Atividades de fala. Protagonismo.

Abstract: Orality must be thought of as a way to prepare protagonists of their real experiences with the language. Our intention is to present 02 practices with orality carried out in 02 classes, in a continuing education course for teachers of the Literacy Cycle, in Patos / Paraíba, 2018. Our theoretical bases is Crescitelli and Reis (2011) Vieira and Leitão (2014), Faraco (2012), BNCC (BRAZIL, 2018). We collect the data in didactic experiences of the formations. The results point out the needing to choose oral language as the school content of systematic speech activities.

Keywords: Orality. Teacher training. Speech activities. Protagonism.

“Nós humanos somos seres de muitas linguagens”.
(Carlos Alberto Faraco, 2012).

Paulo Vinícius
Ávila-Nóbrega

288

Introdução

Tomando a epígrafe supracitada como uma verdade referente à nossa constituição enquanto sujeitos de linguagem, cabe-nos um questionamento acerca do motivo de esse curto texto de entrada mencionar a expressão “muitas linguagens”. Para Faraco (2012, p. 23), somos seres de muitas linguagens, que podem aparecer isoladamente (uma música, um quadro, uma mímica) ou em combinação: dançamos ao som de uma música, musicamos um poema, compomos a letra para uma música, combinamos gestos e expressões faciais etc. Como humanos, vivemos não propriamente em uma biosfera, mas numa densa semiosfera (FARACO, 2012, p. 25) o que implica dizer que há muitos sentidos oferecidos pelo uso dos modos da nossa linguagem (escrito, oral, corporal, facial, imagético, musical etc.).

Por muito tempo, a cultura escrita esteve/está presente nas práticas escolares e profissionais como representação de *status* social. Diante dessa prática, o termo “cultura letrada” começa a ser difundido para fazer menção às diferenças entre alfabetização, como apreensão do código linguístico escrito, e dos contextos de letramento, nos quais os sujeitos fazem uso real das práticas de leitura e de escrita, em seu cotidiano dando sentido e funcionalidade, que vão além da simples apreensão do código.

Com a propagação desse termo profícuo (cultura letrada) para os estudiosos da linguagem, parece que os trabalhos pedagógicos com a oralidade caem no esquecimento, ou são vistos de forma equivocada, quando comparados ao uso da fala. Não distante dos nossos ambientes de ensino e de formação continuada encontramos profissionais diplomados, mormente em cursos específicos sobre a linguagem, ainda não experientes com a prática pedagógica referente à oralidade.

Tendo feito essa sumária reflexão, apontamos para o intuito deste texto: apresentar 02 (duas) práticas com oralidade realizadas em 02 (duas) turmas de formadores locais¹, em um curso de formação conti-

¹ Agradeço aos formadores locais por todo envolvimento e participação ao longo dos nossos encontros com as práticas languageiras.

nuada de professores do Ciclo da Alfabetização, na cidade de Patos/Paraíba, no segundo semestre do ano de 2018, realizado pelo SOMA - Pacto pela Aprendizagem na Paraíba.

Justificamos a importância de falar sobre essas experiências, pelo fato de percebermos que nem sempre é clara para os professores de Educação Básica a distinção entre fala e oralidade. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) nos orienta que os trabalhos com oralidade compreendem as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face.

A nossa motivação para a escrita deste trabalho se deu por sentir a necessidade de discutir essa distinção e refletir sobre possíveis vivências promissoras, com vista à formação cidadã das nossas crianças, no Ciclo da Alfabetização.

Para isso, trazemos alguns aportes de documentos oficiais para o Ciclo e contribuições de profissionais do solo da linguagem, a fim de obtermos um alinhamento teórico e corroborar as premissas elegidas aqui.

1. Refletindo sobre o Conceito de Oralidade no Ciclo da Alfabetização

É muito comum encontrarmos profissionais do ensino com a não compreensão do que distingue o trabalho com a fala e com a oralidade. Em nossas experiências docentes, ao questionarmos ao nosso público de graduação, pós-graduação ou de formação continuada o conceito da didática com a oralidade recebemos respostas como “é um trabalho com variação linguística”, “é ler em voz alta”, “é adequar a entonação da voz durante a leitura para a sala”, “é um trabalho para mostrar as diferenças entre a fala e a escrita” etc.

Porém, para Crescitelli e Reis (2011, p. 38), alguns princípios acerca da oralidade devem levar em conta que: o homem é um ser que fala, portanto, todas as práticas sociais que ele realiza decorrem da oralidade; no entanto, o ensino da oralidade não deve ser confundido com o ensinar a falar. Isso começa a desmistificar a diferença escorregadia entre fala e oralidade, ou seja, inserida em uma esfera social a criança adquire as estruturas da fala (caso seja uma criança ouvinte) e, em seguida, é orientada a organizar essa fala para ser usada em diversos modos textuais orais, sejam formais ou informais, no seu entorno social.

No tocante a isso, a BNCC aponta para o fato de que a oralidade:

compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, *webconferência*, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de *game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p. 76-77).

A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, as quais todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018, p. 7). Ao longo de toda leitura do documento da BNCC, no que concerne aos aspectos da língua portuguesa, especificamente ao eixo da oralidade, vimos que as crianças do Ciclo da Alfabetização aprendem sobre a linguagem de forma processual, quando imersas em contextos, nos quais se envolvem de maneira ativa, na tentativa de comunicar seus desejos, necessidades, pensamentos, sentimentos e opiniões.

Portanto, faz-se necessário ser promovido um clima seguro, encorajador e engajador para que as crianças falem e se expressem livremente e também de forma monitorada, ou seja, orientada, tendo em vista as mais diversas formas de interação cotidiana (o objetivo da escola deve ser ancorado nas práticas formais). Além disso, é importante que as crianças mais velhas e os adultos envolvidos no dia a dia desses pequenos estejam disponíveis para conversar e interagir com eles, sendo responsivos às suas colocações e criando uma esfera dialógica tendo em vista as expressões na linguagem oral com atividades práticas em que:

- discutem seus pontos de vista sobre um assunto;
- descrevem como foi feita uma produção individual ou coletiva de um texto, de uma escultura, de uma coreografia etc.;
- debatem sobre um assunto polêmico do cotidiano;

- organizam oralmente as etapas de uma tarefa, os passos de uma receita culinária, do preparo de uma tinta ou as regras para uma brincadeira;
- expressam oralmente, e à sua maneira, opinião sobre um relato apresentado por um colega;
- conversam com as crianças sobre suas fotos, desenhos e outras formas de expressão;
- etc.

Tomar a discussão, a descrição de fatos, o debate, a organização oral de ideias, a expressão oral, a conversa como ações primordiais para a inserção da criança em contextos dialógicos, permite que esses pequenos sujeitos se coloquem enquanto seres de um *savoir-faire*. Em outras palavras, essas práticas com a oralidade possibilitam a criança se colocar como habilidosa e competente com o uso de suas expressões explicativas e argumentativas.

Quanto a isso, de acordo com Vieira e Leitão (2014, p. 91), a explicação pode ser compreendida como um elemento que surge no discurso, quando há algo a ser clarificado, um problema a ser resolvido. Já a argumentação, estaria mais próxima à contraposição de ideias e de defesa de um ponto de vista, ao oferecimento de justificativas para uma tomada de posição. Tanto a explicação, quanto a argumentação, são habilidades sociocognitivas que precisam ser desenvolvidas desde a primeira entrada no processo escolar.

Portanto, é pertinente que haja uma prática que envolva a orientação adequada aos diferentes contextos de uso com a modalidade oral de uma língua, em um processo contínuo desde os contextos mais informais, aos mais formais.

A escola não pode perder de vista o trabalho com a oralidade, seja pelo efeito positivo que seu desenvolvimento tem sobre o conjunto de práticas de linguagem, seja pelo caráter de relevância que há em se posicionar oralmente em situações formais da vida cidadã:

Não precisamos, é claro, ensinar aquelas práticas que aprendemos espontaneamente no nosso cotidiano (a conversa informal e corriqueira). No entanto, a escola precisa oferecer aos alunos a oportunidade de amadurecer o falar com segurança e fluência em situações formais (isto é, no espaço pú-

blico, diante de um conjunto plural de interlocutores), seja em atividades de transmissão de informações, seja no debate (FARACO, 2012, p. 97).

Ainda segundo o mesmo autor (FARACO, 2012, p. 86), as nossas escolas não têm conseguido oferecer uma indispensável imersão na cultura letrada para uma grande maioria dos estudantes. É demasiadamente importante pensar que uma escola letradora terá forçosamente que ultrapassar a concepção de que é tarefa exclusiva do professor de português adequar os alunos ao letramento requerido pelo âmbito escolar.

Pensando nisso, abriremos mais um tópico neste texto, para falarmos sobre formação continuada de professores.

Paulo Vinícius
Ávila-Nóbrega

292

2. Formação de Professores e o Trabalho Didático com a Oralidade

Tomando a afirmativa do tópico anterior como gancho, no que se refere à necessidade de formação de professores, Libâneo (2010, p. 77-78) postula que o professorado precisaria de formação teórica mais aprofundada, capacidade operativa nas exigências da profissão, propósitos éticos para lidar com a diversidade cultural e a diferença, dentre questões outras importantes, por exemplo, a indispensável correção nos salários, nas condições de trabalho e de exercício profissional. Para o autor:

A escola de hoje precisa propor respostas educativas e metodológicas em relação a novas exigências de formação postas pelas realidades contemporâneas como a capacitação tecnológica, a diversidade cultural, a alfabetização tecnológica, a superinformação, o relativismo ético, a consciência ecológica. Pensar num sistema de formação de professores supõe, portanto, reavaliar objetivos, conteúdos, métodos, formas de organização do ensino diante da realidade em transformação (LIBÂNEO, 2010, p. 80).

Ainda seguindo essa mesma linha de raciocínio, a investigação didática atual tem destacado algumas linhas de ação pedagógica compatíveis com propostas educacionais de cunho emancipatório, como: um papel ativo dos sujeitos na aprendizagem escolar (professores e alunos cúmplices perante os objetos de conhecimento mediante o diálogo), a construção de conceitos articulados com as representações dos alunos, a aprendizagem

do pensar criticamente (implicando o desenvolvimento de competências cognitivas do aprender a aprender), a introdução de práticas interdisciplinares, a valorização do vínculo entre o conhecimento científico e a sua funcionalidade na prática, a integração da cultura escolar com outras culturas que perpassam a escola, o reconhecimento da diferença e da diversidade cultural, a explicitação de valores e atitudes por meio do currículo (LIBÂNEO, 2010, p. 81). É relevante frisar que toda essa pedagogia de cunho emancipatório também se pauta na necessidade de posicionamento oral das crianças, como seres críticos.

No que tange à asserção da formação continuada de professores, encontramos no Portal do Ministério da Educação (MEC) elencados os cursos oferecidos com a finalidade de atualizar os profissionais da sala de aula. São alguns deles:

- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, no qual são desenvolvidas ações que contribuem para o debate acerca dos direitos de aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização, bem como os processos de avaliação, de acompanhamento da aprendizagem, de planejamento e de avaliação das situações didáticas;
- ProInfantil é um curso em nível médio, a distância, para profissionais que atuam em sala de aula da educação infantil, nas creches e pré-escolas das redes públicas e da rede privada que não possuem a formação específica para o magistério;
- Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) fomenta a oferta de educação superior para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB;
- Proinfo Integrado - programa de formação voltado para o uso didático-pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC no cotidiano escolar;
- Pró-letramento - um programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental;
- Gestar II - oferece formação continuada em língua portuguesa e matemática aos professores dos anos finais (do sexto ao nono ano) do ensino fundamental em exercício nas escolas públicas.

Esses investimentos em formação, em reflexão, avaliação e planejamento de um processo de ensino pautado em metodologias e didáticas mais vivenciais visando ao uso, à produção, à interação e não apenas à disseminação curricular, têm nos motivado a contribuir com o nosso público de forma mais precisa. Quanto ao entendimento dos aspectos didáticos e metodológicos sobre a oralidade em sala de aula, profissionais da linguagem precisam perceber que o nosso cotidiano é repleto de ações orais, as quais requerem um protagonismo por parte da criança, do adolescente, dos jovens, dos professores, pais e do sistema educacional como um todo. Assim, atividades com oralidade no Ciclo da Alfabetização podem explorar:

- O debate acerca do abandono de animais
- O debate acerca dos maus tratos de animais
- O debate acerca da diferença de cor de pele dos coleguinhas
- O debate acerca do lixo jogado nas ruas, praças, praias etc.
- O relato do que fez ao chegar em casa, após a escola
- A descrição das características dos membros da família
- Entrevistas de rádio e TV
- Opinião sobre fotos nas redes sociais
- Opinião sobre fofocas entre os coleguinhas
- Argumentos sobre os cuidados com a higiene
- Argumentos sobre o consumo de frutas e legumes
- Argumentos sobre diferenças (crianças gordas e magras, altas e baixas, com deficiência, com cabelo crespo ou liso etc.)
- Opinião sobre o coleguinha que não tem tanto dinheiro para comprar roupas e lanches
- Contar como ajudou um colega a fazer atividades
- Contar o que aconteceu, quando foi visitar alguém doente etc.

Essas e outras sugestões (também envolvendo aspectos mais formais da oralidade) podem e devem ser exploradas, com vista a atender às especificidades da escola, das turmas e dos padrões sociais do público escolar: quer sejam atividades com oralidade no espaço da sala de aula, nos corredores, nos jardins, nas ruas, nas praças, com o uso da tecnologia, laboratórios de linguagem na escola, laboratórios de tecnologia na escola etc.

Diante de toda reflexão aqui posta, traremos um relato sobre dois momentos de ludicidade vivenciados com professores de Educação Básica, em um curso de formação continuada. Os relatos mostrarão o

quão importante é destacar trabalhos lúdicos, vivenciais e dialógicos com a oralidade, tanto nos cursos de formação continuada, quanto na sala de aula.

Organizado em uma rede de trabalho colaborativo, que reúne professores alfabetizadores, diretores escolares, coordenadores municipais e supervisores regionais, o Programa SOMA – Pacto pela Aprendizagem na Paraíba está alicerçado em um conjunto de iniciativas que envolvem a avaliação da educação, a formação de professores, o monitoramento de ações educacionais e o desenvolvimento profissional dos gestores escolares.

Nesse sentido, as ações implementadas pelo SOMA têm como foco a alfabetização plena dos alunos ao fim do 3º ano do Ensino Fundamental, a garantia de níveis de letramento adequados para os estudantes do 5º ano dessa mesma etapa de escolaridade e o auxílio aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental que não atingiram o desenvolvimento pleno da alfabetização e o nível de letramento adequado. O NEALIM (UFPB²) – Núcleo de Estudos de Alfabetização em Linguagem e Matemática, em parceria com a UFCG, com a UEPB e com o Governo do Estado da Paraíba, coordena as formações dos agentes educacionais no Estado.

A coleta de nossos dados para fins deste texto envolveu 60 (sessenta) cursistas, distribuídos em 02 (duas) turmas, sendo compostas por homens e mulheres licenciados em cursos envolvidos com o espaço escolar: Pedagogia, História, Letras, Matemática. As formações ocorreram na cidade de Patos, sertão paraibano, no segundo semestre do ano de 2018.

Para uma melhor compreensão das vivências relatadas neste texto, dividiremos as experiências em dois momentos: a - O Convite e b - A rádio da Chapeuzinho. É importante contextualizar que, nos nossos encontros de formação, levávamos uma pauta de trabalho com a linguagem, na qual havia momentos para a acolhida dos cursistas, leitura deleite, reflexão teórica, vivência prática e planejamentos das formações que seriam levadas a outros professores dos municípios e para as salas de aula das escolas desses profissionais. Em visitas às escolas pela equipe de formação do SOMA, em meses posteriores às formações regionais, os resultados dos trabalhos das formações podem ser avaliados como uma forma de acompanhamento do que está sendo praticado nas escolas envolvidas com o Programa.

2 <http://www.cchla.ufpb.br/nealim/>

Em um dos nossos encontros, discutimos aspectos teóricos sobre a produção textual de convites. Levamos uma sequência didática para mostrarmos o passo a passo (um trabalho sistematizado) do ensino do texto, o conceito de convite, tipos de convites, estruturas de convites, características que não podem deixar de haver nesse modelo de texto (escrito e oral): data do evento, local com endereço, horário, público, tipo de vestimenta (em alguns casos), tipo de presentes (em alguns casos) etc.

3. Vivências com a Oralidade nas Formações

Após toda essa primeira parte, chamamos a atenção para o fato de o trabalho com o texto não ser apenas um faz de conta na sala de aula, mas que os professores procurassem sempre criar situações reais de interação com as suas crianças, com vista a atender aos objetivos das atividades.

Sendo assim, separamos a turma em pequenos grupos e incentivamos os participantes a produzirem convites para situações reais, seja para ser realizadas naquele mesmo dia, ou em dias diferentes, seja com a própria turma, ou com outros participantes. Então, segue um sumário do nosso relato:

A – O Convite

Os tipos de convites elaborados na nossa formação foram variados: convite para um chá de fraldas de duas cursistas grávidas à época, convite para uma professora de Ensino Superior vir à turma relatar a sua experiência com a produção de bonecas distribuídas para crianças hospitalizadas no sertão paraibano, convite para o lançamento de livros de um dos cursistas que também é escritor, convite para a turma tirar a foto de formatura do curso etc. Os modelos que levamos desse gênero foram escritos, a princípio, e em seguida foram usados os modelos orais.

Os convites foram elaborados com materiais como, por exemplo, cartolina, papel colorido, bexiga colorida, lápis de cor, recortes de revistas. Além disso, no caso do convite para o lançamento de livros, o material foi elaborado graficamente contendo a foto do autor, fotos dos livros etc., alcançando um caráter mais formal.

Embora os convites tenham sido escritos, a princípio, os cursistas foram incentivados a cumprirem o objetivo daquele texto de modo oral também. O interessante foi perceber que, além da oralidade esperada

para a elaboração daqueles textos, outras formas orais foram agregadas para cumprir os objetivos textuais, o que corrobora a ideia de a produção textual ser um processo dialógico, não necessariamente encerrado no dia pontual da sua produção, ou seja, seria uma prática social contínua e dinâmica atendendo à necessidade do grupo. Por exemplo: no dia do lançamento dos livros, já após a primeira parte da atividade oral (convite) ter sido realizada, houve a presença de mestre de cerimônia apresentando o autor, recitando poesias escritas pelo próprio autor e dirigindo o pequeno evento. O próprio autor fez a apresentação dos seus livros, leu poesias, recitou outras, contou um pouco da sua história de vida e da motivação para a escrita. Ratificando a citação de Crescittelli e Reis (2011), alguns princípios acerca da oralidade devem levar em conta que o homem é um ser que fala, no entanto, o ensino da oralidade não deve ser confundido com o ensinar a falar. Isso implica práticas sociais cotidianas de adequação do sistema linguístico da fala aos modelos de textos orais que temos disponíveis em nosso entorno.

No caso do convite para a professora de Ensino Superior relatar a sua experiência com a produção de bonecas, a turma produziu o convite em etapas: uma parte escrita em cartolina e outra parte dentro de uma bexiga que precisava ser estourada e lida em voz alta pela convidada, para saber o local e horário para o acontecimento do seu relato. Dentro dessa atividade, como continuidade desse processo dialógico, a professora agradeceu em público a honra de ser convidada e, no horário agendado, foi à turma que a convidou para fazer a sua prática de oralidade. Houve um momento para perguntas espontâneas por parte dos cursistas à professora, além de respostas da própria profissional. Além disso, os cursistas, emocionados, relataram oralmente a sua experiência em terem sido alunos daquela profissional, em outro momento das suas formações acadêmicas.

Por fim, o convite para o chá de fraldas foi elaborado, no entanto, o evento aconteceu apenas na formação seguinte (cerca de dois meses após o convite ter sido realizado). Os cursistas trouxeram seus presentes, ornamentaram o ambiente, houve a participação de uma cursista tocando teclado e cantando canções para as mães e mulheres presentes, além de recital de poesias.

Como vimos no exemplo com os diversos modelos de convite, os cursistas participaram de situações vivenciais em que a prática da oralidade se fez presente. A importância dessa prática se deu pelo fato de que

ainda era confusa a concepção de fala e de oralidade para aqueles profissionais. Ao final do curso, cada integrante respondeu a um questionário solicitado pelo Projeto SOMA, em que deveriam discorrer sobre a mudança de postura frente à atualização com a prática de oralidade. Além disso, cada integrante teve um momento para planejar uma formação para os professores da (s) escola (s) do seu município tendo em vista que a escola precisa oferecer aos alunos a oportunidade de amadurecer o falar com segurança e fluência em situações formais (FARACO, 2012).

A seguir, mostraremos como aconteceram as práticas com oralidade tendo como modelo um conto infantil bastante difundido no âmbito escolar.

B – A Rádio da Chapeuzinho

Já em outra formação, seguindo a pauta de linguagem, foi trabalhado o gênero conto infantil com ênfase no tradicional Chapeuzinho Vermelho, dos irmãos Grimm e de versões contemporâneas dando voz a cada personagem, por exemplo. O objetivo da formação em linguagem foi falar sobre intencionalidade comunicativa e ponto de vista.

No momento da atividade prática, dividimos a turma em pequenos grupos, entregamos uma versão de cada Chapeuzinho contida no livro “Chapeuzinhos Coloridos”, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta: Chapeuzinho Branco, Chapeuzinho Lilás, Chapeuzinho Verde, Chapeuzinho Cor de Abóbora, Chapeuzinho Preto e Chapeuzinho Azul. Foi solicitado para cada grupo criar uma forma de expor a sua versão do texto para os outros grupos, de forma oral.

Todos os grupos fizeram participações de representação teatral, elaboraram roupas com os materiais que tinham disponíveis, ensaiaram, elencaram músicas, distribuíram mensagens, adaptaram os seus timbres de voz para se adequar às personagens etc. Como aponta a BNCC, as práticas com a modalidade oral da linguagem ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face e tem como exemplos, além da aula dialogada e do seminário, os programas de rádio, entrevistas, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peças teatrais etc. (BRASIL, 2018).

Um dos grupos elaborou uma rádio comunitária na sala da formação, onde havia a participação de cada personagem da sua versão da Chapeuzinho dando o seu ponto de vista sobre a narrativa. Todos os personagens ganharam o direito de fala, de se posicionar, de interagir com o radialista e de responder a perguntas dos outros persona-

gens, caso fossem feitas. O próprio grupo selecionou o papel social que cada integrante desenvolveria naquela circunstância (quem seria a avó, quem seria o radialista, quem seria a Chapeuzinho etc.).

Foi interessante perceber a configuração da atividade ganhando todas as características de uma rádio popular: risadas, piadas, músicas e intervalos, ligações telefônicas, reclamações dos ouvintes etc. Corroborando o que afirma Faraco (2012) vivemos em uma densa semiosfera o que implica dizer que há muitos sentidos oferecidos pelo uso dos modos da nossa linguagem. Além disso, ainda seguindo o direcionamento da BNCC, as práticas com oralidade envolvem o contato face a face, ou não, com o objetivo de desenvolver vários modelos de textos orais (BRASIL, 2018).

Breves Discussões e Considerações

Como vimos, o trabalho com a oralidade vai além da aceção de uma abordagem da fala. Além disso, não se resume à apresentação de seminários e a debates, como claramente sugeridos por livros didáticos. O trabalho com a oralidade tem a finalidade de orientar as crianças à sua adequação oral nos mais diversos usos em situações reais de interação, conforme Faraco (2012).

Nos relatos apresentados, embora de forma sumária, pudemos perceber o envolvimento dos adultos cursistas com simples atividades (e até corriqueiras) da produção de convites e de representação de um conto infantil clássico. Ao perceberem a funcionalidade real, interativa e lúdica das atividades que deixaram de lado uma produção repetitiva, enfadonha e sem objetivos para além da sala de aula, os cursistas se viram comprometidos (conforme mostraram os questionários aplicados ao final e os planejamentos das suas formações locais) com a ação didática que permitiria as suas crianças do ciclo da alfabetização viverem momentos de possibilidades de explicação, argumentação, relato, narrativa, convite, ligação telefônica, canções, lançamentos de livros, apresentação de autores, recital de poesias, participação em rádios comunitárias etc. É evidente que as atividades com oralidade precisam ser adaptadas à faixa etária dos estudantes. É um processo, um contínuo das situações mais informais às mais formais, das mais lúdicas às de mais posicionamento sobre fatos constituintes de uma sociedade.

Como afirmam Faria e Cavalcante (2009, p. 110), “eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão”.

Nossos cursistas levaram essas e outras atividades para os seus municípios, como requisito para a continuidade da pauta da formação e dos planejamentos. Com atividades didáticas sistemáticas com a oralidade, podemos conhecer dificuldades do desenvolvimento da linguagem oral de alguns alunos, além de questões comportamentais, timidez, ousadia etc. São questões a ser sempre pensadas nos nossos planejamentos, para um mapeamento das salas sempre heterogêneas.

Paulo Vinícius
Ávila-Nóbrega

300

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

CRESCITELLI, Mercedes Canha; REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, Vanda Maria (org.) **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 29-40.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FARIA, Evangelina Maria Brito de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Um olhar sobre o ensino da oralidade na Educação Infantil. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de (org.) **A criança e as diversas linguagens na Educação Infantil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009. p. 97-112.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente (12ª Edição). São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA, Alessandra Jacqueline; LEITÃO, Selma. Argumentação e Explicação. In: DEL RÉ, Alessandra; DE PAULA, Luciane; MENDONÇA, Marina Célia (Org.) **Explorando o Discurso da Criança**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 85-106.